

[https://www.faz.net/aktuell/stil/quarterly/zukunft-nach-corona-12-fotografen-und-ihr-blick-nach-vorn-16838079.html?xtor=EREC-7-%5BCorona%5D-20200702&utm\\_source=FAZnewsletter&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Newsletter\\_FAZ\\_Corona&ca mpID=OMAIL\\_REDNL\\_n/a\\_n/a\\_n/a\\_n/a\\_n/a\\_n/a\\_n/a\\_Corona](https://www.faz.net/aktuell/stil/quarterly/zukunft-nach-corona-12-fotografen-und-ihr-blick-nach-vorn-16838079.html?xtor=EREC-7-%5BCorona%5D-20200702&utm_source=FAZnewsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter_FAZ_Corona&ca mpID=OMAIL_REDNL_n/a_n/a_n/a_n/a_n/a_n/a_n/a_Corona)

## Olhar em frente

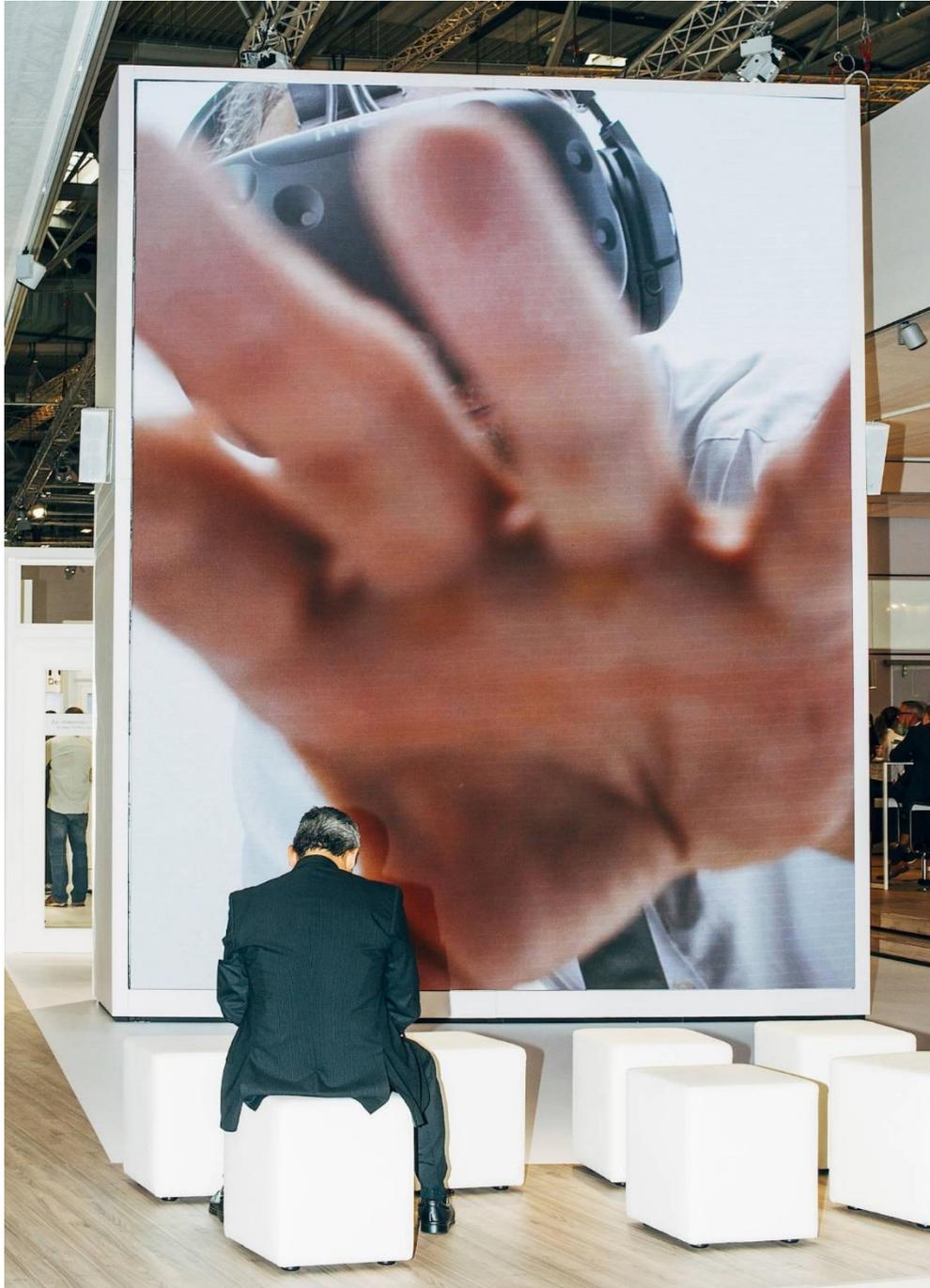


Foto: Nikita Teryoshin, Alemanha

O vírus veio transformar a vida em todo o mundo, em cada país à sua maneira, mas a ameaça foi global. Pedimos a fotógrafos de doze países uma imagem que melhor expressasse o modo como perspectivam o futuro e olham em frente.

2 de Julho de 2020

#### **Nikita Teryoshin, Alemanha**

Uma *Catocala nupta* — não se trata de uma simples traça, já que, afinal de contas, em 2015 foi eleita borboleta do ano pela Associação Alemã para o Ambiente e a Protecção da Natureza — perdeu-se e entrou na nossa sala de estar em Berlim e esvoaçava, desorientada, entre a janela e o copo de água. O que num primeiro momento podia parecer uma prisão, foi neste caso um passo inevitável para conduzir o insecto a sair ileso do apartamento e de regresso à liberdade. Resta-nos esperar que os governos deste mundo possam ser assim tão amistosos e que, no final da crise do coronavírus, devolvam aos cidadãos a sua habitual liberdade.



Foto: Nikita Teryoshin

## Feng Li, China

Em Maio, em Chengdu, o Verão está apenas a começar, mas as temperaturas atingem já os 35 graus. Ainda assim, as pessoas gostam de andar na rua. Numa ponte terminada recentemente, fotografei esta menina que segurava um chupa-chupa e que me fitou tranquilamente. O avô filmava a paisagem em volta com o seu *smartphone*. Apenas a máscara da menina me recordou naquele momento que o mundo ainda estava sob a ameaça do vírus. Por sorte, aquela cidade não foi atingida pela pandemia — graças à decisão dos seus habitantes de permanecerem em casa nos dois primeiros meses, a fim de minimizar o risco de infecção. As ruas pareciam mortas. Agora, o quotidiano já fez o seu regresso. Mas, como é evidente, mantemos todos a distância e usamos máscaras. Afinal de contas, o vírus ainda não desapareceu de vez.



Foto: Feng Li

**Alex Majoli, Itália**

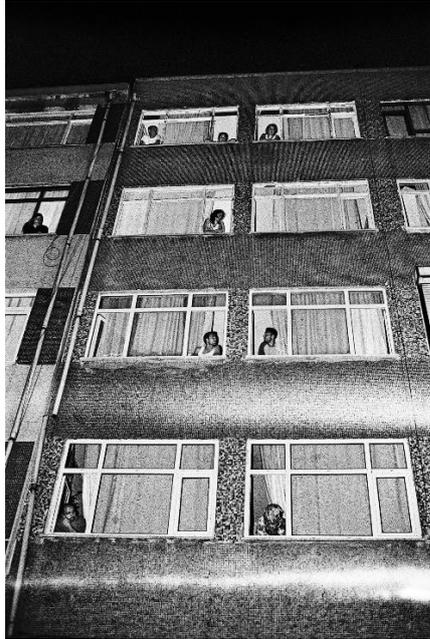
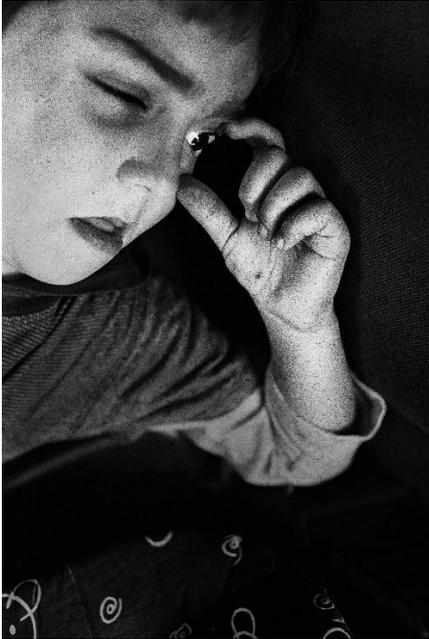
No metropolitano de Milão. A nova normalidade no olhar de um jovem. Percepciona-se a incerteza, a sensação de temor e vazio perante as perspectivas políticas e sociais.



*Foto: Alex Majoli*

**Yusuf Sevinçli, Turquia**

Será que esta pandemia foi mesmo gerada por um vírus semivivo? Ou será também o espírito do nosso tempo manter a distância das pessoas que nos rodeiam? A insegurança, sobretudo quando pensamos no futuro, é uma sensação desagradável e stressante. Especialmente se perspectivarmos ter de encarar esse futuro em total solidão, sem a ajuda e a solidariedade da família, dos amigos e da sociedade. Será que as crianças de hoje irão crescer sem conhecer a importância da interacção física no espaço público?



*Fotos: Yusuf Sevinçli*

## Eva O'Leary, Estados Unidos

Nos últimos anos, passei muito tempo sozinha a trabalhar em projectos em zonas rurais do país. Fui utilizando as redes sociais como uma espécie de bloco de notas — e, por vezes, como um local onde podia partilhar as minhas preocupações e receios. E isso fez-me sentir menos isolada. Nos últimos meses, reparei como as pessoas estavam mais dispostas a partilhar os seus sentimentos *online*. Tornámo-nos mais conscientes da existência dos outros. No futuro, se calhar vamos todos ver-nos a nós mesmos como mais do que apenas uma parte de um todo (embora, ao mesmo tempo, eu receie que tal possa não acontecer). Depois de todos termos passado tanto tempo sozinhos, espero que nos possamos sempre lembrar de que, mais do que pensamos, pertencemos todos uns aos outros.



Foto: Eva O'Leary

**Ricardo Cases, Espanha**

Captei esta imagem da minha filha durante um dos primeiros passeios que pudemos fazer nas semanas do estado de emergência. Vivemos no campo e, para mim, esta imagem esconde um indicador para o tempo que aí vem. Como se o presente nos desse a oportunidade de fazer uma pausa no caminho, expressando-se através de duas flores. Como se o caminho nos surpreendesse com um aviso, uma chamada de despertar, uma possibilidade de repensar e alterar a nossa evolução.



*Foto: Ricardo Cases*

## Erli Grünzweil, Áustria

Reconhecemos as pessoas que são importantes para nós e em quem podemos confiar — tanto na vida privada como na sociedade. Vemos como são importantes para a nossa sociedade os trabalhadores mal pagos dos supermercados, os profissionais que prestam cuidados de saúde ou nos campos de cultivo — e, assim se espera, iremos pagar-lhes melhor. Depois da crise, veremos aquilo de que nos podemos libertar e aquilo que não nos faz falta. Vamos apreciar mais o nosso tempo livre e o nosso dia-a-dia não será exclusivamente determinado pelo trabalho. Este mundo vai continuar a girar sobre si mesmo, muito embora mais lentamente e com mais precauções, e a nossa sociedade irá reencontrar-se nele de forma mais humana, mais sustentável e mais consciente. Este é, pelo menos, o mundo por que eu anseio.

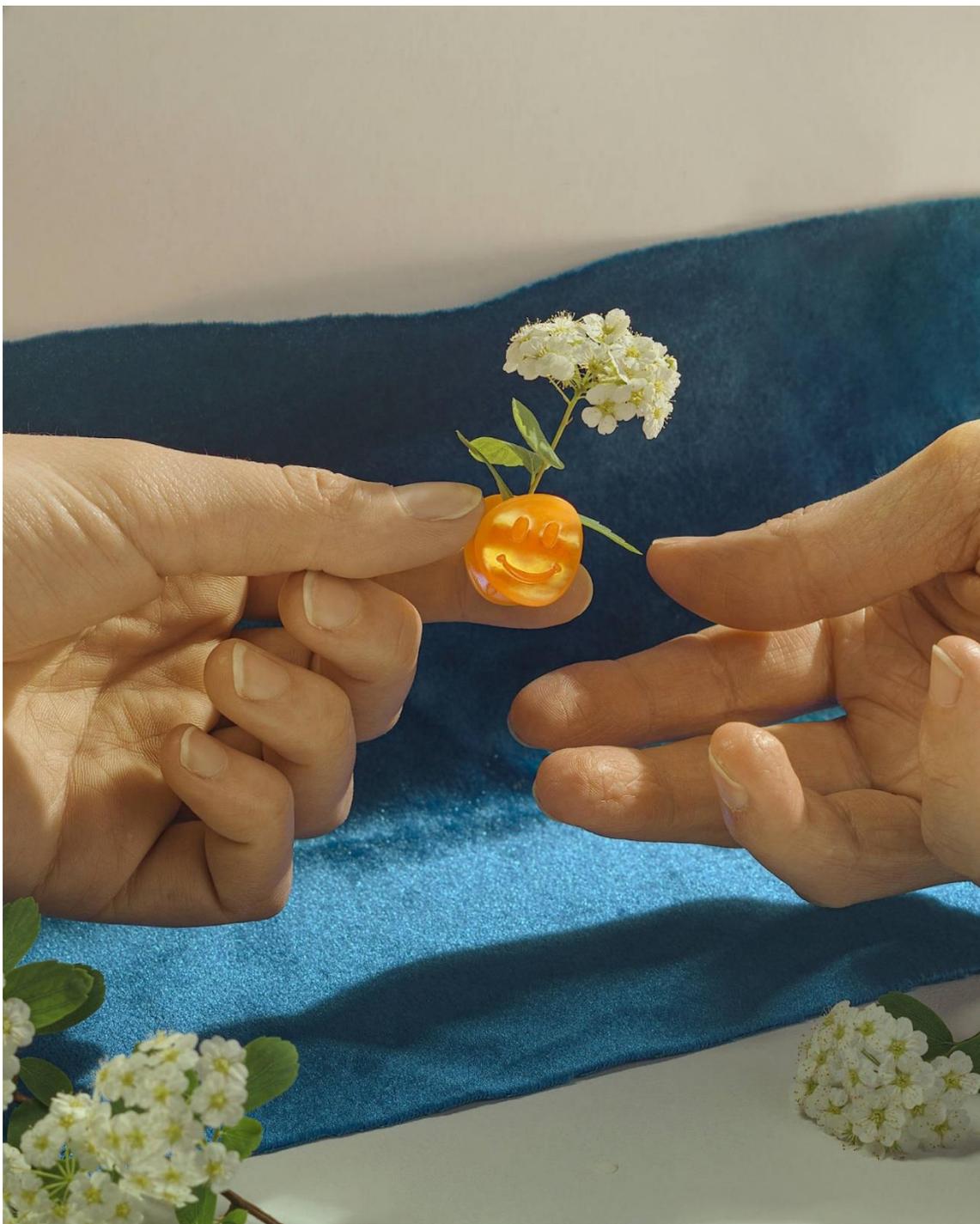


Foto: Erli Grünzweil

## **Newsha Tavakolian, Irão**

Só quando alguém nos deixa compreendemos verdadeiramente o que significava estarmos juntos. No Irão, costumamos dizer: O seu lugar está vazio. Depois da morte do meu pai, o seu lugar ficou tão vazio. Sentimo-nos muito sós, mesmo junto à sua sepultura. Todavia, apesar do coronavírus, os meus primos vieram ao enterro. Tivemos de manter a distância, mas sentimo-nos muito ligados.



*Foto: Newsha Tavakolian*

**Paul Rousteau, França**

Como faremos no futuro para cumprimentar os que nos são próximos, sem os tocar? Para mostrar o nosso afecto? Para consolar uma criança ou uma pessoa em dificuldade? Neste momento — como na Ásia, onde as pessoas se cumprimentam inclinando-se de mãos postas —, temos de inventar o nosso próprio repertório de gestos afectivos para expressar a compaixão, a felicidade do reencontro, o amor, a amizade... Em França, o cumprimento com o cotovelo está generalizado. Mas o contacto entre duas extremidades ósseas não é tão caloroso como um beijo, um abraço, um sincero aperto de mão.



*Foto: Paul Rousteau*

## Kent Andreasen, África do Sul

Quando olho em volta e vejo o que está a acontecer no nosso país, fico com uma ideia do que será o nosso futuro próximo caracterizado pelo escapismo e o isolamento. Muitas pessoas encolhem-se na solidão de regiões remotas porque já não podem ver os seus amigos nem participar em actividades sociais normais. Sinto o mesmo impulso de viajar para zonas remotas do país até poder trabalhar normalmente outra vez. Luto por uma perspectiva de futuro depois dos próximos meses e as minhas fotografias expressam isso mesmo — e a minha necessidade de isolamento. Ficar sentadas na Cidade do Cabo sem poder beneficiar das liberdades a que estão habituadas leva as pessoas a «hibernar» nas montanhas, nas florestas ou no litoral, onde se sentem seguras e não têm de pensar no que as autoridades as deixam ou não deixam fazer. Neste momento, o meu trabalho é marcado pelo auto-isolamento e longas viagens de carro. Muitos de nós acreditam que vivemos bem sozinhos, mas rapidamente reparamos que, para nos sentirmos verdadeiramente preenchidos, precisamos de outras pessoas na nossa vida. Nos meses que aí vêm, veremos como funciona esta teoria na prática, quando desenvolvermos novas ideias para formas de reintegrarmos nas nossas vidas, de forma responsável, as pessoas que deixámos agora de poder ter à nossa volta.



Foto: Kent Andreasen

**Sophie Green, Inglaterra**

Em tempos, quando viajei pela Índia, chamou-me a atenção a evidência como os homens manifestavam a sua amizade mútua, abraçando-se ou dando as mãos. Esta imagem capta o momento íntimo em que dois homens de negócios se certificam da sua amizade em plena multidão de Nova Deli, tocando-se com as mãos. Esta cena transmite-me um extraordinário sentimento de solidariedade. Afinal de contas, todos precisamos de comunidade, amor, ligações e interacção. Estes valores dão-nos esperança e é com eles que iremos superar esta crise.



*Foto: Sophie Green*

**Vicente Manssur, Equador**

Vamos contemplar o Sol a partir de espaços fechados, com uma camada de protecção contra quase tudo, e assim vamos mudar radicalmente o nosso modo de vida.



*Foto: Vicente Manssur*